

# Relato

## **RELATO ACERCA DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM ESCOLAS REGULARES: UMA EXPERIÊNCIA RECENTE**

Cristina dos Santos Bianchi

A inclusão de crianças com deficiência visual na escola regular tem sido um recente campo fértil para estudos e discussões. Isto se justifica dada a grande dificuldade e falta de estrutura das escolas em recebê-las e proporcionar, adequadamente, uma continuidade ao seu desenvolvimento e aprendizado. A falta de preparo dos professores é uma das causas que mais contribui para a persistência desta dificuldade. Vários relatos publicados na literatura demonstram o despreparo dos profissionais de ensino, em suas graduações, para lidar com este público, o que complica bastante o relacionamento professor-aluno, chegando a tomar característica de um problema a ser enfrentado.

Como professora de escola regular, grande tem sido minha preocupação com os aspectos da inclusão de crianças com deficiência visual e isto tem me movido na direção de estudar como esta tem se processado. De dentro das minhas pesquisas, trago a experiência de uma Escola Municipal do Rio de Janeiro e de alguns de seus professores, ao receberem, em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, quatro alunos cegos, no início do ano letivo de 2008.

Desde o início do ano letivo, os quatro adolescentes ficaram na mesma turma, que contava com aproximadamente quarenta componentes. Como os quatro usam máquina Perkins, a turma e os professores em geral, não acostumados com o barulho, ficaram incomodados. A este primeiro contato, então, classifiquei como uma fase chamada "estranhamento". Assim, começaram a surgir reclamações, tanto dos alunos quanto dos docentes, que foram levadas a uma reunião de professores. Nesta reunião, foi levantada a questão da inclusão e da necessidade de diminuir o número de alunos desta turma. Ficou decidido que os quatro alunos, que só se sentavam juntos, segregados do restante da turma, fossem espalhados pela sala, ficando perto dos alunos de visão normal. Quanto ao número de alunos, os professores tiveram que insistir bastante para reduzi-lo (as turmas das Escolas Municipais no Rio de Janeiro têm em média um número grande de alunos, o que dificulta o trabalho dos professores mesmo sem alunos com necessidades especiais), pois declararam não ser possível trabalhar com estes alunos em uma turma grande. Conseguiram, então, reduzir a turma para o número de trinta componentes.

Após a fase de "estranhamento" e da segunda fase de "reclamação", conseguiu-se, então, chegar à fase que classifiquei como da "adaptação". Os alunos videntes começaram a se relacionar bem com os cegos, o que somado à redução do número de alunos, proporcionou uma melhora nas condições de trabalho tanto para os professores como para a turma em geral. Estas etapas evoluíram dentro de um espaço de aproximadamente um mês de aula, entre fevereiro e março.

Apesar das dificuldades vividas pelos professores desta escola, sua equipe conta com pessoal de apoio do próprio Município. Uma professora da Fundação Helena Antipoff acompanha estes alunos, tanto no horário do turno como em horários específicos fora da aula, em outra escola do

Município. Esta professora atua como auxiliar dentro da sala de aula, produz textos em braille quando solicitados pelos professores e oferece reforço dos conteúdos e de atividades em horário diferente ao das aulas.

Para auxiliá-los em sua movimentação e de suas máquinas para as salas de aula, visto que nesta escola quem se desloca para as salas são os alunos e não os professores, uma professora que faz parte da equipe da direção da própria escola se dispõe a acompanhá-los. Além disso, os colegas videntes se prontificam em conduzi-los, demonstrando um bom relacionamento e afetividade entre eles.

Porém, mesmo com apoio e após as modificações, alguns professores demonstram ainda muitas dificuldades. Transcrevo aqui, umas poucas falas de alguns deles, que melhor têm traduzido suas experiências com estes alunos cegos:

Fala da professora de Geografia: ?"(...) Nunca tive experiência nenhuma com esse tipo de aluno. Então realmente, eu estou sentindo um pouco de dificuldade com este tipo de aluno que já traz problema. (...) Hoje, por exemplo, estou dando coordenadas geográficas, e simplesmente a eles, eu tive que parar a aula e ficar ditando o que é, o que não é. Agora na hora de explicar, na hora de cobrar, um trabalho de mapa, um trabalho de..., não tem como. Porque hoje eu parei a aula várias vezes pra ficar ao lado deles tentando passar o que são coordenadas geográficas, e o restante da turma fica na bagunça. É uma turma difícil."

Fala do professor de História: ?"Eu não vejo, assim, na minha matéria, eu não vejo dificuldade, que sendo História, é muito oral, predomina a oralidade. Então, como é que eu faço, explico a matéria, e na medida que eu vou escrevendo pra turma, eu vou ditando e eles pegam. Então na minha matéria eu não vejo dificuldade. Agora não sei como é que elas se comportam em Matemática, por exemplo. (...) No começo fiquei com medo, mas depois vi que eles eram normais. Bem normais, fazem bagunça, brincam com o resto da turma..."

Fala da professora de Ciências: ?"(...) Então eles começaram a vir, e foi muito legal, quer dizer, algo que eu acho importante, a questão da inclusão, eu às vezes esqueço que eles estão na sala. Eu acho que é "superlegal" isso. Pra mim, embora eu tenha que pensar o tempo todo em ter que olhar e ter que falar, eu esqueço que eles estão na sala, porque eu não faço uma aula diferente porque eles são cegos. Eu faço uma aula diferente tentando é... como eu até falei pros alunos, de que maneira eu posso chegar pra eles. Se chegar pra A, chega pra B, chega pra eles também que não vêem. E nessa tentativa como está sendo legal, coisas que facilitam a vida deles, que facilitaram a dos outros. (...) Um exemplo tá aqui que eu já levei pra outra escola: eles adoram quando eles chegam no laboratório, eles adoram este espaço para ver esses bichos horrorosos, aqueles fetos, eles adoram aquilo e não sossegam enquanto eu não boto pra eles verem. Mas como é que eu ia fazer aquilo com eles que não enxergavam? Porque eu não posso abrir. Aí eu tenho um monte de bichinhos de plástico que eu trabalho mesmo com os alunos e disponibilizei aquilo tudo na mesa pros alunos, então, quando eu falava nos bichos, eles manuseavam aqueles bichos e os outros (alunos) também. E aquele colorido todo tirou aquele peso daquelas coisas ali (aponta para os animais conservados nos vidros). E eu faço com todo mundo agora. Quer dizer, uma coisa que foi um movimento pra que eles pudessem vivenciar mais, facilitou pra todo mundo."

O discurso dos professores deflagra sua falta de preparo em face à inclusão que, no momento, se processa de forma unilateral. No entanto, o retorno do professor à inclusão não é de sua exclusiva responsabilidade. Está faltando a chance de o professor quebrar o ciclo da persistência da

dificuldade promovida por esta questão, através da formação continuada. Um trabalho voltado para a ruptura de conceitos materializados no cotidiano da sociedade e direcionado à interdisciplinaridade necessita ser implantado com urgência na escola, a fim de garantir o respeito às particularidades humanas, considerando a escola, um espaço de valorização da diversidade, assim como de igualdades sociais.

**Cristina dos Santos Bianchi** é professora regente de Ciências da Escola Municipal Itália, em Rocha Miranda, no Rio de Janeiro/RJ. Participa em pesquisa como colaboradora no Instituto de Física Armando Dias Tavares (IFADT), do departamento de Física Aplicada e Termodinâmica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Biologia pela UERJ na área de concentração em Biociências Nucleares, atualmente realiza um projeto de estudo intitulado "Estudo das pré-concepções científicas de alunos com deficiência visual cursando os períodos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)", sob a responsabilidade da professora Dra. Maria da Conceição de Almeida Barbosa Lima, da UERJ.